

**ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO VERBO "LEVAR"  
NA FALA CAPIXABA  
SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM**

Allan Costa Stein (UFES)

[allanstein1@gmail.com](mailto:allanstein1@gmail.com)

Bárbara Bremenkamp Brum (UFES)

[barbarabbrum@hotmail.com](mailto:barbarabbrum@hotmail.com)

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

[lhpr@terra.com.br](mailto:lhpr@terra.com.br)

**RESUMO**

O presente estudo faz parte dos trabalhos desenvolvidos no Núcleo de Pesquisas em Linguagens da UFES e tem como objetos de pesquisa verbos que selecionam objeto deslocado (transferir, transportar, levar etc.) e verbos de transferência de posse (comprar, vender, alugar etc.), entre outros. A grande produtividade do verbo levar – que se comporta tanto como verbo pleno (Sara levou a gramática para casa) quanto como verbo-suporte (Mara levou um susto), tem chamado a atenção dos pesquisadores envolvidos, baseados nas teorias funcionalistas, que buscam, no discurso, os fatores que motivam seu comportamento multifuncional. Este trabalho analisará, descreverá e, se possível, explicará o comportamento contextualizado do verbo levar, considerando suas características morfológicas, sintáticas e semânticas. Como *corpus* de análise, foram usados textos orais produzidos por informantes de Vitória, coletados por entrevistas sociolinguísticas. Esses textos integram o banco de dados do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix), coordenado por Lilian Coutinho Yacovenço. Como referencial teórico, adotam-se os pressupostos do funcionalismo (GIVÓN, 2001), os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980), a abordagem semântica de Chafe (1979), e a gramática de valências (BORBA, 1996). O verbo levar, prototipicamente, seleciona quatro argumentos: sujeito agente, objeto deslocado (tema) e locativos (de origem e de destino), motivo pelo qual os gramáticos tradicionais costumam classificá-lo transitivo indireto, sendo essa análise facilmente encontrada no dicionário Luft (1999). Entretanto, casos há em que ele se afasta do protótipo, podendo ter seu sentido de “deslocamento espacial” esvaziado, como atesta o exemplo: José levou dois pontos no rosto por causa de um acidente automobilístico. Aqui, empreendemos uma análise que considera o verbo levar em suas diferentes acepções.

Palavras-chave: Verbo. Análise. Descrição. Funcionalismo. Linguagem.

## 1. Introdução

O fenômeno da transitividade tem sido um tema muito discutido entre os pesquisadores da linguagem, pois não há entre os gramáticos uma classificação uniforme que permita definir com precisão os limites de atuação do verbo na oração. A proposta deste artigo é descrever o verbo "levar" na fala capixaba, com vistas a explicar o seu comportamento. Para tanto, foi utilizado como referenciais teóricos a gramática de valências de Borba e o funcionalismo linguístico, que subsidiarão a análise empreendida no *corpus* do Projeto "O português falado na cidade de Vitória" (PortVix), coordenado pela Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenço, gravado entre 2001 e 2002. Constam desse *corpus* quarenta e seis entrevistas com informantes nascidos em Vitória, divididos segundo as variáveis relativas ao gênero do informante, à sua idade e à sua escolaridade. O tema das entrevistas é diverso, tratam-se de narrativas, principalmente, a respeito de assuntos que façam os informantes falarem com naturalidade, podendo ser receita da preparação de algum prato, experiência de alguma situação de perigo, relatos diversos, entre outros. A escolha do *corpus* em questão se justifica pela escassez de pesquisas relacionadas à fala capixaba, sendo este um campo pouco explorado, aliado ainda ao fato de não existirem trabalhos sob a perspectiva que pretendemos empreender, levando em conta o comportamento de um verbo específico.

A teoria funcionalista permite a análise dos fenômenos linguísticos na língua em uso, ou seja, em sua realização na situação comunicativa. Ao considerar o contexto linguístico em que determinada ocorrência do verbo está inserida, tem-se a possibilidade de averiguar as características não apenas morfossintáticas, mas também semânticas e pragmáticas que muito interferem na análise e descrição.

A partir dos parâmetros de transitividade proposto por Hopper e Thompson (1980), dentro da perspectiva funcionalista da linguagem, foi possível aferir a transitividade do verbo "levar", além de ter sido possível também a identificação de suas características semânticas dentro da proposição de Chafe (1979). A análise dos argumentos que figuram nas ocorrências do verbo em questão foi realizada com base na gramática de valências de Borba (1996).

## 2. Aporte teórico

### 2.1. Gramática de valências

Uma gramática de valências tem por objetivo descrever as relações de dependência (morfofossintática e semântica) que se estabelecem entre um elemento predicador e seu escopo. Funcionam como predicadores certos verbos, substantivos abstratos, adjetivos e alguns advérbios<sup>15</sup>. Chafe (1979) acolhe os verbos em quatro categorias semânticas: ação, processo, ação-processo e estado. Borba (1996) se vale dessa subcategorização ao propor sua gramática de valências.

Azeredo (2007, p. 46), num comentário bastante lúcido, afirma que os verbos predicadores reúnem, “na mesma forma concreta, os componentes lexical e gramatical”. Os verbos copulativos não são considerados predicadores porque lhes falta o componente lexical; prestam-se a expressar determinadas categorias gramaticais, como o tempo e o aspecto, por exemplo. Neves (2000, p. 25) defende que os verbos que modalizam também não são predicadores.

Em outros termos, podemos definir os predicadores como verbos que selecionam argumentos, signos léxicos que “socorrem o verbo na delimitação de sua extensão semântica” (BECHARA, 2009, p. 415). A valência de um verbo é “o conjunto de construções em que ele pode ocorrer” (PERINI, 2008, p. 236). Borba (1996) elenca três tipos de valências, quais sejam: (1) valência quantitativa, que diz respeito ao número de argumentos selecionados pelo verbo; (2) valência sintática, relacionada à natureza morfofossintática dos argumentos; e (3) valência semântica, responsável pelas restrições semânticas que o verbo impõe a seu escopo.

O número máximo de argumentos selecionados pelo verbo tem sido objeto de discussões realmente interessantes, mas não é nosso objetivo discorrer acerca dessa divergência neste trabalho. Portanto, assumimos, tomando por base Borba (1996) e Ignácio (2002), que um verbo pode selecionar de zero a quatro argumentos. Verbos que indicam fenômenos da natureza, por exemplo, são avalentes ( $V_0$ ) (Ontem *choveu* muito em Marechal Floriano); muitos dos verbos considerados intransitivos

---

<sup>15</sup> Em seu *Novo Manual de Sintaxe* (p. 57-58), publicado pela Contexto em 2013, Carlos Miotto, Maria Cristina F. Silva e Ruth Lopez, linguistas de orientação gerativista, defendem a existência de preposições que selecionam argumentos. Entretanto, não consideramos que as preposições sejam predicadores, porque, diferentemente dos substantivos, adjetivos, advérbios e verbos, falta-lhes natureza lexical.

pela Gramática Tradicional selecionam apenas 01 argumento (V<sub>1</sub>) (*Giselle nasceu em 26 de junho*); há também verbos bivalentes (V<sub>2</sub>), que geralmente selecionam sujeito agente e objeto afetado (*Nós escrevemos este artigo em 3 semanas*); os verbos trivalentes (V<sub>3</sub>) figuram em construções como “*O motorista colocou seu carro no estacionamento do shopping*”; verbos tetravalentes (V<sub>4</sub>) são menos comuns na língua (*Laura traduziu os nossos textos do latim para o português*), e muitos linguistas não os consideram em suas análises. Há argumentos que asseguram a gramaticalidade da oração (*Os pedreiros construíram a minha casa*) e portanto devem obrigatoriamente realizar-se sintaticamente ou, em determinadas situações, como quando sua previsibilidade é muito alta, podem ser apagados (mas não cancelados); entretanto, há também argumentos que não são obrigatórios, mas aparecem na estrutura superficial da oração por motivações funcionais (leia-se “pragmáticas”). Enquadram-se nesta classe os argumentos sublinhados em: *Lúcia traduziu os nossos artigos do português para o francês*.

Uma gramática de valências tal como apresentada nos parágrafos anteriores é considerada funcional porque analisa a língua em uso, ou seja, não trabalha com categorias estanques e a descrição sintático-semântica dos verbos é feita de maneira contextualizada e não aprioristicamente, conforme se observa na gramática tradicional e em algumas descrições de caráter formalistas.

## 2.2. Funcionalismo

O funcionalismo é uma teoria linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, busca, no discurso, os fatores que motivam a estrutura gramatical das diferentes línguas. Dentro desse modelo, a linguagem é concebida como um instrumento de interação social sujeito a mudanças devido às pressões do uso, isto é, descarta-se a hipótese de um sistema de regras internalizado inscrito no código genético de nossa espécie, tal como preconizam os seguidores da gramática gerativa. Em vez disso, o que há são regularidades decorrentes de estratégias comunicativas bem sucedidas. Os universais linguísticos, elementos comuns à maioria das línguas, são geralmente explicados em termos de necessidades comunicativas e com base nos conhecimentos disponíveis acerca do funcionamento da cognição humana.

A gramática de uma língua não é determinada aprioristicamente, mas emerge do uso (cf. GIVÓN, 2012; NEVES, 1997). A sintaxe, nesse

modelo, não é concebida como uma entidade autônoma, mas existe para cumprir uma função. A perspectiva funcional da sentença, por exemplo, trazida à tona pelos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga, sugere existir uma relação forte entre a disposição dos elementos na oração e o propósito comunicativo do falante (NEVES, 1997, p. 18).

Os teóricos funcionalistas não admitem a rígida separação entre *discurso* (leia-se “uso”) e *gramática*, um dos corolários da gramática gerativa. Ao mesmo tempo em que o discurso parte da gramática para se constituir, a gramática emerge do discurso, afinal, “o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática” (DUBOIS, 1993a, p. 11). Os funcionalistas estudam a competência linguística dos falantes; mas que não se entenda “competência linguística” à moda gerativa: o que interessa à gramática funcional é a habilidade que temos de interagir socialmente com a língua (DIK, 1987, p. 81-82), e não apenas o conhecimento linguístico internalizado de que os falantes dispõem o qual é idealizado por Chomsky.

Apesar de os estudos em gramática funcional terem ganhado força há pouco tempo (sobretudo, a partir da década de 1960), desde o início do séc. XX, mais precisamente em 1926, com a fundação do Círculo Linguístico de Praga, tem-se a crença “de que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é fundamentada pelas funções que têm que exercer na sociedade em que operam” (LYONS, 1986, p. 207). Além disso, os estudiosos vinculados ao Funcionalismo tendem a rejeitar a “nítida” distinção entre sincronia e diacronia e a (suposta) homogeneidade do sistema linguístico, princípios em geral adotados pelos seguidores da linguística de cunho formal.

Os funcionalistas também concebem as estruturas da língua como icônicas. Entenda-se por *iconicidade* a relação natural entre a “forma linguística” e as “funções” que essas formas exercem no processo comunicativo.

Apresentados os principais pressupostos teóricos do funcionalismo, a seguir discorreremos acerca do tema *transitividade verbal*, analisando esse fenômeno de um ponto de vista funcional. Para tanto, recorreremos à gramática de valências (BORBA, 1996) e aos parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980).

2.2.1. *Parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980)*

A teoria apresentada a seguir vincula-se ao funcionalismo norte-americano e foi desenvolvida pelos linguistas Paul J. Hopper e Sandra A. Thompson na segunda metade do século XX (cf. HOPPER; THOMPSON, 1980). A transitividade é uma propriedade linguística universal e, de acordo com esses autores, além de ser escalar, engloba toda a oração e não apenas o verbo, conforme propõem as abordagens tradicionais. Sendo assim, não se opõem “verbos transitivos” a “verbos intransitivos”, porque, ao contrário do que fazem os formalistas, nos estudos em gramática funcional não se trabalha com “categorias discretas”, conforme já postulamos. Diferentemente disso, fala-se em orações mais ou menos transitivas. O nível de transitividade das orações é aferido num *continuum* a partir da aplicação de 10 (dez) parâmetros sintático-semânticos independentes que se inter-relacionam, os quais “focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 37). Enfim, a aplicação dos parâmetros apresentados abaixo nos permite, de certa forma, vislumbrar como a ação expressa pelo verbo acontece, sem perder de vista os elementos envolvidos.

**Quadro 1: Parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980)**

COMPONENTES	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
Participantes	Dois ou mais	Um
Cinese	Ação	Não ação
Aspecto	Perfectivo	Não Perfectivo
Pontualidade	Pontual	Não pontual
Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modalidade da oração	Realis	Irrealis
Agentividade	Agentivo	Não agentivo
Afetamento de O	O totalmente afetado	O não afetado
Individualização de O	O individuado	O não individuado

O parâmetro 10, *Individuação do objeto*, é aplicado com base nas seguintes especificações:

Individuado	Não individuado
Próprio	Comum
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Referencial, definido	Não referencial

**Quadro 2: Propriedades da Individuação do Objeto**

Há trabalhos muito interessantes que explicam satisfatoriamente cada um dos parâmetros apresentados na tabela. Para os leitores interessados em estudar mais profundamente a teoria aqui delineada, seguem algumas recomendações de leitura.

É fundamental o estudo do texto *Transitivity in Grammar and Discourse*, de Hopper e Thompson (1980). Como bibliografia adicional, recomendam-se as seguintes obras, disponíveis em português: Furtado da Cunha & Souza (2007); e Rocha & Silva (Orgs.) (2008). Nas referências que constam dessas obras, há muitos outros textos que investigam o universo da transitividade. Vale a pena conferir!

Aplicaremos, sem maiores explicações, os parâmetros de Hopper e Thompson a três sentenças indiscutivelmente bem formadas do português brasileiro para demonstrar, na prática, como a análise proposta pelos autores funciona. Esperamos que as análises sirvam como uma estratégia facilitadora no processo de assimilação da teoria por parte do leitor.

(I) Fernando beijou a Mariana calorosamente durante o filme.

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	-
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individuação do O	+ <sup>16</sup>

**Quadro 3: Análise da sentença (I)**

(II) Na hora da explicação da matéria, o professor esbarrou nesta mesa.

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	+
Intencionalidade	-
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+

<sup>16</sup> O objeto possui os seguintes traços de individuação positivos: próprio; humano, animado; concreto; singular; contável; referencial, logo altamente individualizado.

Afetamento do O	-
Individuação do O	+ <sup>17</sup>

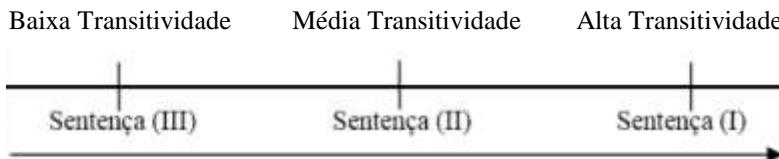
**Quadro 4: Análise da sentença (II)**

(III) Pedro realmente não amava os animais! Ele os maltratava frequentemente.<sup>18</sup>

Participantes	+
Cinese	-
Aspecto	-
Pontualidade	-
Intencionalidade	- <sup>19</sup>
Polaridade	-
Modo	+
Agentividade do Sujeito	-
Afetamento do O	-
Individuação do O	- <sup>20</sup>

**Quadro 6: Análise da sentença (III)**

A aplicação dos parâmetros de transitividade às sentenças (I), (II) e (III), acima, permite-nos organizá-las em um *continuum* da seguinte maneira:



### 3. Análise de dados

Foram encontradas aproximadamente 500 (quinhentas) ocorrências do verbo "levar" no PotVix, das quais foi feito um recorte, por razões do limitado espaço, para este trabalho:

<sup>17</sup> O objeto possui os seguintes traços de individuação positivos: concreto; singular; contável; referencial, definido.

<sup>18</sup> Será aferido o nível de transitividade apenas da primeira sentença. A segunda presta-se a adicionar informações que são úteis ao processo de análise.

<sup>19</sup> A não-intencionalidade do sujeito nesta oração é discutível.

<sup>20</sup> O objeto possui os seguintes traços de individuação positivos: animado; concreto.

(1)

Inf – aí ela: me chamava pra mim ir ... aí a gente ia ... eu o J. com as crianças pequena e a gente assistia cult;os né? ... aí eu passei a gostar dali ... me sentia be:m o pastor muito atencioso com a ge:nte e os.... pessoal também né? ... vinha nos cumprimentar aquela coi ... aí foi indo foi indo A-TE que um dia ei falei assim ah quer saber de uma coisa? eu acho é muitas coisa no evangelho assim na igreja crente eu vi-a que tava mais certo do que na cato:lica ... aí a gente tirava né? aquela coisa assim quando a conclusão que a gente assistia uma mi:ssa ... e pelo bati:smo ... adoração à ima:gem né?... essas coisa ssim ... aí eu passei a ser crente ... aí tem dezessete anos ... na igreja batista

E1 – seus filhos foram juntos?

Inf - eu primeiro depois de um: quase um ano mais ou menos aí eu **leve**i os filho ... já sabiam o que queriam né? ... era tudo rapazinho assim já grandinhos ... aí um dia eles foram por eles mesmo né? nunca levei ninguém ... eles iam comigo assistiam os culto né? ... aí um dia resolveram a a ficar na igreja também ... aí são até hoje graças a Deus (*Corpus Portvix*, p. 604)

O verbo "levar" no trecho acima é bitransitivo e apresenta, portanto, dois argumentos: o sujeito agente [+humano] [+intencional] "eu", explícito na oração, e o complemento [+humano] "os filho", com ausência do plural em "filho", marca típica da oralidade. O verbo "levar", neste caso, significa "acompanhar, trazer para algum lugar", evidenciando a intenção de revelar ao ouvinte que os filhos foram conduzidos pelo falante à igreja.

A aplicação dos parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980) evidencia:

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	-
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individação do O	+
Total de traços positivos [+]	9

Sendo que, com relação ao traço de individuação do objeto temos um objeto humano, concreto, contável e referencial, confirmando, assim, esse traço.

(2)

E1 – a é?

Inf – é vo/é ... nossa ama/agora to eu to doida não fui ainda não mas eu queria ir no hospital dos aidéticos ... aí é Tabuazeiro né? então esses dia mesmo não tava com uma campanha de levar leite né? que eles tão precisando muito de leite eu mesmo comprei seis ... caixa de leite e **leve**i... mas: mandei pra igreja não fui lá não ... mas eu queria fazer assim um grupo pra nós ... sempre tá lá né?... porque diz que eles pede muita oração ... os aidéticos ... ali no albergue também né? tem aqueles negócio dos velhos a pessoa abandonadas de rua ali no Tabuazeiro tem uma casa também ... que: eles acolhe as pessoas de rua e levam pra lá ... e eu gosto dessas coisa (*Corpus* Portvix, p. 608)

No texto acima, há três ocorrências com o verbo *levar*, entretanto, analisaremos apenas a oração destacada no trecho a seguir: “[...] eu mesmo comprei seis ... caixa de leite e *leve*i”. O verbo em questão, nessa ambiência, é de ação-processo e possui três argumentos (V<sub>3</sub>), todos apagados. Integram sua rede argumental sujeito agente, complemento afetado e locativo (destino): a ação praticada pelo sujeito (“Eu”), inferível graças à terminação de *leve*i, teve como consequência o deslocamento espacial “[d]as seis caixa de leite”, informação previsível graças ao contexto linguístico, para um local (a “igreja”), também já mencionado no texto. O significado lexical do verbo *levar* na sua acepção mais prototípica (em que indica “movimento”), como é o caso, também prevê, além de argumentos com traços semelhantes aos que aparecem nesse exemplo, um locativo indicando origem. Entretanto, o informante parece não ter julgado relevante mencionar essa informação. A ausência, pelo menos do ponto de vista do ouvinte, desse argumento não prejudicou o entendimento da sentença.

A transitividade da cláusula em questão, a partir da aplicação dos parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980), é alta, o que pode ser facilmente observado nas tabelas a seguir.

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	-
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individuação do O	+
Total de traços positivos [+]	9

O objeto é individuado porque possui os seguintes traços positivos: concreto, contável, e referencial, definido.

(3)

E1- a:: tá e:: você não sente saudade Não da ginástica

I- sinto um pouco só que [a professora] ela /era/ ela era o pessoal chama ela de bruxa porque ela era MUItto mal o cabelo dela era DESSE tama::nho ela andava com uma calça ... E-NOR::ME ... ela era [feia sabe] ... um dia quando... quando a minha escola FOI lá né / a gente/ a gente é:: **levaram** toda a escola aí era a minha vez de pular COMO eu queria ir soZi::nha porque [inint] chique maravilhosa aí eu peguei fui pular quebrei o nariz ficou sangrando aí tive que voltar pra escola ... lá pra santa bárbara né (*Corpus Portvix*, p. 169)

No trecho acima o verbo "levar" é bitransitivo, pois seleciona dois argumentos: o sujeito agente [+humano] [+intencional] que está oculto, mas que pode ser inferido a partir do contexto comunicativo como sendo "os responsáveis pela escola", "a direção", e também o objeto "toda a escola", representado metonimicamente e que se refere "aos alunos" com traço [+humano]. O verbo "levar" possui o sentido de "acompanhar, conduzir para algum lugar".

A aplicação dos parâmetros de transitividade evidencia que:

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	-
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individuação do O	+
Total de traços positivos [+]	9

O objeto é altamente individuado, pois confirmam-se os seguintes traços: é humano, concreto, singular, contável e referencial.

(4)

I — eu lembro disso... aí tinha... aí minha mãe... aí eu queria... “MÃE... vem buscar minha mamadeira”... [[risos]]... não sei por quê... mas eu queria que ela... pegasse... mi/ minha mamadeira... não sei... pegasse e levasse... aí... tá... eu peguei... fui lá pra... quer dizer... aí meu irmão tava por perto aqui... não tava aguentando mais eu gritando né... pegou minha mamadeira... **levou** e botou na pia... [[risos]]... aí eu... [fui lá na pia peguei minha mamadeira... gritei “MANHÊ vem pegar minha mamadeira!”... ele fez isso mais umas duas vezes... até que ele pegou a minha mamadeira e botou dentro da pia... assim lu-

gar que eu não alcançava... nossa... aquilo me tomou de ódio... eu não sei... olha... (*Corpus Portvix*, p. 1111)

Em “aí meu irmão tava por perto aqui... não tava aguentando mais eu gritando né... pegou minha mamadeira... *levou* e botou na pia...”, que compõe o trecho acima, o verbo destacado é bivalente ( $V_2$ ), ou seja, seleciona apenas 2 argumentos, o agente (porque mais uma vez o verbo é de ação-processo) e o tema. Nesse caso, como estratégia de construção do texto, o informante optou por apagar, na sentença sob análise, os argumentos, pois já haviam sido mencionados. São eles: o SN-sujeito “meu irmão” e o SN-objeto “minha mamadeira”.

É evidente que o verbo “levar” pressupõe um local de destino, conforme foi discutido no exemplo anterior. Entretanto, neste caso, esse locativo aparece completando outro verbo: “botar”. O que fica subentendido é que a mamadeira foi pega pelo irmão da informante e levada em direção a algum local, que mais tarde se revela como “a pia”, onde ele a botou.

A tabela abaixo permite vislumbrar o grau de transitividade dessa sentença:

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	-
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individuação do O	+
Total de traços positivos [+]	9

O objeto é individuado porque possui os seguintes traços positivos: concreto; singular; contável; e referencial, definido.

#### 4. Conclusão

Neste estudo, buscamos descrever, analisar e explicar o comportamento do verbo "levar" sob a concepção da linguística funcional, que privilegia o uso da língua em detrimento dos exemplos construídos ou colhidos cuidadosamente da literatura, como fazem os gramáticos tradicionais.

Adotando também a perspectiva da gramática de valências proposta por Borba (1996) foi possível observar que o verbo "levar" realiza-se, na maioria dos casos, como um verbo de ação-processo. Trata-se também de um verbo bivalente, que elege um argumento, codificado sintaticamente como sujeito, que adquire nas ocorrências analisadas o papel temático de agentivo, marcado pelos traços: [+humano], [+voliti-vo] e [+intencional], que tem o controle sobre a ação na condução do evento linguístico.

Vale também ressaltar que o altíssimo grau de transitividade se dá devido ao fato de que o *corpus* se constitui principalmente de narrativas na fala. Assim, fica claro que a ambiência linguística de um verbo é um fator muito importante para determinar a transitividade.

Com isso, pretendemos que os estudos da transitividade ganhem, a partir desses referenciais teóricos e também metodológicos, uma nova perspectiva no que tange ao tema em questão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. atualizada pelo novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Trad.: Maria Helena de M. Neves, Odette G. L. A. S. C. e Sonia V. R. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTA, Mário Eduardo. (Orgs). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIK, S. Some Principles of Functional Grammar. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (Eds.). *Functionalism in Linguistic*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 81-100.

DU BOIS. J. W. *Discourse and The Ecology of Grammar: Strategy, Grammaticalization, and the Locus*. Rice Symposium MS. Santa Barbara: University of California, 1993.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Trad.: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: Edufrn, 2012.

HOPPER, P. One Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization I*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

\_\_\_\_\_; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IGNÁCIO, S. E. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Editora Ribeirão Gráfica, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; NEVES, M. H. M. [Orgs.]. *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: UNICAMP, 2008.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, M. E. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksiek, 1969.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, C. C. (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e linguística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003, p. 306-321.

YACOVENCO, Lilian Coutinho et al. Projeto PORTVIX: a fala de Vitória/ES em CENA. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.